



A REPETIÇÃO NA LINGUAGEM DE UM SUJEITO AFÁSICO

Mariza dos Anjos Lacerda¹
Nirvana Ferraz Santos Sampaio²

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos um recorte do estudo sobre a repetição na linguagem de um sujeito que sofreu um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVCh). Para definir a repetição, tomamos a reflexão de Marcuschi (1992) que a conceitua como a “produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo” (MARCUSCHI, 1991, p. 31). Para essa definição o autor teve como base empírica a conversação. Entretanto, a repetição não pode ser vista com um mero ato metalinguístico, pois ela expressa algo novo. Por tanto “repetir as mesmas palavras num mesmo evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa” (MARCUSCHI, 1992, p. 32).

Segundo Marcuschi (2006, p. 219), “a repetição é uma estratégia de formulação textual” e justifica a sua afirmação pela flexibilidade de funções que a repetição assume. Na fala, esse feito linguístico é uma atividade fundamental para estabelecer relação com os aspectos linguísticos do texto, como por exemplo, a coesão e a coerência. Além disso, a repetição traça uma característica de um planejamento *on line*, ou seja, a construção do texto se dá pelo decorrer da fala de maneira interativa. Na escrita, aparece de forma retórica, evitando redundâncias durante a construção textual, diminuindo, assim, a repetição.

Na linguagem afásica, as repetições provêm de naturezas diferentes e com características neurolinguísticas que se associam a dificuldades de selecionar palavras, aos problemas de processamento e de ordem mnésica³ ou fonoarticulatória. São vários os fenômenos linguísticos que se constitui de elementos repetidos, como por

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: marizza.anjos@gmail.com.

2 Doutora em Linguística pela UNICAMP (2006). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de vitória da Conquista. Lotada no DEEL/PPGLin/ Uesb. Orientadora da pesquisa e líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN). Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br.

3 Prática que facilita as operações da memória.



exemplo, a perseveração⁴, a estereotipia⁵, o circunlóquio⁶, a ecolalia⁷ e a palilalia⁸ são alguns exemplos que marcam essa alteração linguística.

Os estudos incluindo a repetição na linguagem, em especial, a palilalia, datam desde o início do século XIX. Em seu artigo “*On Palilalia*”, Critchley descreve a palilalia como:

Involuntary repetition two or more times a word, frase or sentence just uttered. It occurs equally during spontaneous speech and in replay to question [...] Palilalia may be constant in appearance, but frequently it varies in intensity from time to time (CRITCHLEY, 1927, p. 26)⁹.

Depreendemos que a palilalia é uma repetição das últimas palavras, frases, ou sentenças proferidas pelo próprio indivíduo e que a sua ocorrência se dá na fala espontânea e nas retomadas de perguntas. Além disso, oscila na intensidade a cada nova repetição, apresentando de maneira decrescente. Segundo Lebrun (1983), quando as últimas palavras proferidas são quase murmuradas, esse fenômeno pode ser chamado de palilalia áfona uma vez que os sons vão deixando de ser ouvidos pelo interlocutor.

Tendo em vista as considerações da repetição apresentada na Linguística e em contextos patológicos dar-se-á a discussão relacionando teoria e prática a partir de uma análise linguística da linguagem em funcionamento do sujeito afásico, MM, 51 anos (idade atual), que após a ruptura de um aneurisma em 2011 apresentou a palilalia como uma alteração de linguagem.

Para tanto, tomamos como suporte a base teórica da Neurolinguística Discursiva cuja concepção de linguagem adota é postulada por Franchi (1977). Segundo o autor,

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do

4 Neisser (1895) define perseveração como repetição interativa ou a continuação de uma resposta anterior após a mudança de turno.

5 Lebrun (1983) define estereotipia como uma fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente.

6 O circunlóquio é o uso excessivo de uma palavra para exprimir uma ideia.

7 Saad e Godfeld (2009) consideram como repetição de itens lexicais de turno anterior.

8 Critchley (1927) se refere a palilalia como as repetições de itens lexicais de turno anterior proferidos pelo próprio orador.

9 Repetição involuntária de duas ou mais palavras, frase ou sentença proferida pelo mesmo. Sua ocorrência igualmente durante o discurso espontâneo e em tomadas de respostas [...] Palilalia talvez seja constante na aparência, mas frequentemente varia em intensidade de tempo em tempo. (tradução nossa).



'vívido', que ao mesmo tempo constitui um sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica como os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solidárias (FRANCHI, 1977, p. 31-32) (Grifo nosso).

Desse modo, vemos a linguagem como um lugar de construção a partir das experiências, que se molda a cada instante, não sendo algo determinada que implica a presença do outro num estado recíproco de negociação, pois a linguagem está o tempo todo em transformação por aqueles que a utilizam como um meio de interação. Segundo Coudry (2008), a linguagem é o lugar da interação humana.

Em casos patológicos, e do ponto de vista linguístico, a concepção de linguagem constitutiva permite ao investigador interpretar as falhas e 'erros' como uma possibilidade de reconhecer os caminhos que o sujeito trilha na construção de seu discurso. Assim, permite-se que o sujeito com patologia possa reconstruir frente a face interpessoal o jogo da linguagem "em que encontrará, senão o sistema da língua, os recursos alternativos que lhe permitam desempenhar seus múltiplos papéis" (COUDRY, 2001, p. 57).

MÉTODO

O estudo aplicado neste trabalho articula a investigação e intervenção de caráter linguística desenvolvidos nos encontros que aconteceram semanalmente, alternando atividades em grupo e individual, no LAPEN¹⁰, sendo, portanto, desenvolvido um acompanhamento longitudinal. A coleta de dados foi feita qualitativamente. O material empírico da pesquisa é construído a partir de registros apresentados nas diversas atividades por meio de gravações em áudio, constituindo o banco de dados, sendo depois transcrito e analisado, relacionando teoria-dado-teoria.

RESULTADO E DISCUSSÃO

10 Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, localizado na UESB.



De acordo com Osakabe, (*apud* Coudry, 2001, p. 195), “o indivíduo é sujeito a medida que se enuncia”. Nesse sentido, percebemos o quanto é importante para o sujeito afásico explorar a sua linguagem que acontece em situações imediativas, estabelecendo reciprocidade entre os interlocutores, partilhando conhecimentos, interagindo com as diversas fala no momento em que se fala. Essas são as condições para que um indivíduo se constitua a partir de sua linguagem.

Sendo assim, faz-se necessário que se trabalhe com as atividades epilinguísticas. Coudry (2001, p. 16) explicita que a atividade epilinguística recobre a operações diversas sobre a linguagem, como transformar, segmentar, reordenar, reiterar, inserir, fazer escolhas e, mesmo, pensar sobre a linguagem e os processos de construção em que se está envolvido.

A seguir, expomos uma situação discursiva pautada na fala espontânea entre os interlocutores, **MM** e investigador. **MM** apresenta repetições como marca de alteração de linguagem após a ruptura de um aneurisma. Será por meio dessa situação comunicativa que analisaremos a repetição.

Quadro 1. O atraso

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observações sobre as condições de produção processos de significação verbais	Observações sobre as condições de produção processos de significação não-verbais
MM	Olha: chegou!!		
Ima	Cheguei. Atrasada. Você perdoa?		
MM	Perdoa o quê? Perdoa o quê?	Repetição literal	
Ima	O meu atraso!		
MM	Perdoo. Perdoo. Tá perdoada.	Repetição modificada	
Ima	MM, você se escutou?		
MM	Se eu me escutei? Escutei. Escutei.	Repetição literal	Apresentando dúvidas
Ima	Você percebeu que você repetiu?		
MM	Percebi. Percebi. Eu me percebi	Repetição modificada	
Ima	Não precisa, né?		

O quadro 1, acima, nos mostra que **MM** produz repetição literal e repetição modificadas com certa frequência. Entretanto, **MM** não parece percebê-las no ato de



sua fala o que demonstra que as repetições têm um valor automático. **MM** só percebe a repetição após ser questionada pelo investigador que permite, nesse momento, que **MM** reflita sobre a sua linguagem.

Ao se permitir pensar sobre a linguagem, **MM** desenvolve uma atividade epilinguística, pois recorre a sua fala que mesmo repetindo faz uma modificação na repetição ao fazer inserções, como em: “**Percebi. Percebi. Eu me percebi**”. Esse ato de pensar sobre a linguagem, neste caso, só é possível com a presença do investigador ao passo que se trata de uma monitoração para que **MM** evite as repetições, melhorando a sua linguagem. Assim, percebemos que **MM** se preocupa com a compreensão do ouvinte, mantendo uma atividade constitutiva própria de quem utiliza a linguagem.

CONCLUSÃO

Verificamos que as repetições de **MM** estão além de um monitoramento visto que a mesma se mantém na interação por meio de repetições configurando o caráter de planejamento *on line* conforme é abordado por Marcuschi. Com isso, **MM** demonstra que a linguagem não é dada previamente, mas constituída a cada instante de acordo com a experiência de cada um e do mesmo modo usufruindo de uma linguagem significativa.

Palavras-chave: Repetição. Afasia. Neurolinguística Discursiva.

REFERÊNCIAS

COUDRY, Maria Irma Hadley. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988 (Edição consultada: 2001)

CRITCHLEY, M. **On Palilalia**: In: Journal Neurol Psychopathol. London, 1927, p. 23-32.

FRANCHI, Carlos **Linguagem-Atividade Constitutiva**. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, Unicamp, 1977, p. 9-39.



LEBRUN, Yvan. **Tratado das Afasias**. São Paulo: Paramed Editorial, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Repetição na língua falada**: formas e funções. Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1992.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Célia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). **Gramática do Português Culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006, v.1. p. 219-254.